



EXPANSÃO E LEGITIMIDADE DURANTE O REINADO DE TUTMÉS III (1479-1425
a.C.) (Rafael dos Santos Pires)

Universidade de São Paulo – Graduação; Iniciação Científica - CNPq

rafael.pires.sp94@gmail.com

A presente pesquisa tem por interesse estabelecer uma relação entre a ação militar em direção ao Levante que marca o reinado de Tutmés III e a obtenção – e manutenção – de sua legitimidade como governante. Mais especificamente, temos por objetivo a análise da integração da política militar levada a cabo por Tutmés III à lógica do faraó como mantenedor da Ordem, tanto cósmica quanto terrena. Para além desses elementos há também o interesse pela análise do estabelecimento de relações entre o governante e suas elites guerreiras. A partir de uma historiografia mais tradicional, durante muito tempo o governo faraônico foi visto como um exemplo do que se convencionou chamar de *despotismo asiático*, isto é, o governante se coloca acima de todas as estruturas sociais e comanda o território de maneira absoluta. Ao analisarmos algumas fontes de forma superficial, como as estelas de triunfo, aparentemente tal afirmação parece correta: na Estela de Gebel Barkal, por exemplo, o faraó aparece como uma potência em si mesmo, um ser capaz de realizar os maiores feitos sozinho. Tutmés III nessa estela é tratado como um ser a ser temido, uma vez que é capaz de massacrar todos seus inimigos por conta própria. Contudo, com a descoberta de novas documentações, como os textos encontrados nos túmulos das elites, e um olhar mais crítico às velhas fontes, pode-se observar que a realidade era outra. Na inscrição tumular do tenente-general Amun-em-heb, por exemplo, percebemos que, embora o faraó continue sendo visto como uma figura que se destaca, que é capaz de despertar a confiança em seus súditos, Tutmés III fica feliz ao poder contar com o tenente-general. Essa forma de discurso demonstra que, apesar da submissão ao faraó permanecer em pauta, a elite que o acompanha também reconhece sua própria importância. A partir da análise desses dois tipos de fontes – estelas de triunfo e inscrições tumulares –, torna-se



possível perceber que a elite militar está inserida, no início do Reino Novo e no apogeu do Império, alcançado durante o governo de Tutmés III, nos jogos de poder da Coroa egípcia – a ascensão de figuras como Tutmés I, um general sem qualquer laço sanguíneo com a Família Real é prova concreta disso. É a elite militar a responsável por manter o Caos, personificado em possíveis invasões, afastado do Egito, auxiliando na manutenção da legitimidade faraônica. É essa elite também a responsável por trazer riquezas ao Egito, estabilizando também outros grupos, como as elites sacerdotais.

Palavras-chave: Legitimação; Expansão; Elites militares; Despotismo.